

INTRODUÇÃO A UM ESTUDO GEOGRÁFICO DE BAIRROS RURAIS EM SÃO PAULO *

*Liliana Laganá Fernandes ***

1. SENTIDO DOS BAIRROS RURAIS EM SÃO PAULO

No meio rural paulista e, de modo especial, nas áreas de povoamento mais antigo, o termo "bairro" é largamente difundido entre a população, sendo utilizado, como designação genérica, para indicar determinada porção de território, de limites nem sempre muito precisos, geralmente definidos em função de um sentimento de localidade, não raro reforçado pela presença de algum elemento social de coesão como escola, igreja, venda, etc.

Dentro dos limites do bairro, os contatos entre os habitantes são, comumente, bastante intensos, fato que muitas vezes, leva a confundí-lo com o que os sociólogos denominam "grupo de vizinhança":

"Até certo ponto - diz Carlos Borges Schmidt (1951: 15) - os limites de um determinado grupo de vizinhança se confundem com os limites geográficos do bairro... O bairro é um lugar, uma área qualquer, com

* O presente artigo baseia-se na Introdução da Tese de Doutorado "Bairros Rurais do Município de Limeira", defendida em 1972 no Departamento de Geografia da FFLCH da USP e realizada sob a orientação do Prof. Dr. Pasquale Petrone.

** Professora do Departamento de Geografia da FFLCH, USP.

1 O termo genérico "bairro" é sempre seguido de um nome próprio para cada localidade; assim, por exemplo, bairro dos Toledos ou bairro das Areias, etc..

características mais ou menos próprias. Um vale, uma cabeceira ou nascente de algum ribeirão, uma praia, seja lá o que for, pode ser um bairro. É o povo que lhe dá o nome e determina, com limites mais ou menos imprecisos, a área abrangida pelo mesmo".

Lynn Smith (1946:348), ao classificar os grupos sociais segundo o território ou área ocupada pelos seus membros, reconhece os "grupos de vizinhança" como os menores grupos locais existentes, dizendo que

"as pequenas localidades do campo, onde todos se conhecem e se tratam pelo nome próprio, são grupos de vizinhos... e dentro de seus limites territoriais as relações dos grupos primários se manifestam fora da família".

Conceitos semelhantes encontramos em outros sociólogos norte-americanos. Sanderson e Polson (1939:53) dizem que

"the rural neighborhood was the principal unit of the social organization of those living in the open country... the rural neighborhood as a social unit may be defined as a restricted locality whose few families are known to associate more closely with each other than with families or group outside the area."

Em todos estes conceitos é possível perceber, sempre, a consideração de uma certa vida de relações entre um determinado grupo de pessoas, relações estas circunscritas ao espaço ou área por elas ocupada.

Chamamos, portanto, a atenção sobre o caráter de agrupamento primário ou unidade social elementar, expressa em termos de espaço ou de área e interessando, portanto, a uma forma de povoamento.

Para compreender melhor o sentido da "vizinhança" e, ao mesmo tempo, analisar algumas de suas características, sob o ponto de vista sociológico, parece-nos interessante transcrever outro trecho do trabalho de Lynn Smith, referente às "neighborhoods" americanas (1946:21)

"Nos tempos coloniais, os grupos de vizinhanças cons

tituíam a grande maioria da população. Nesses dias eles eram economicamente independentes. As famílias vizinhas possuíam tantas afinidades que chegavam a constituir grupos cumulativos de grande coesão. Frequentemente as famílias eram aparentadas entre si; quase sempre elas se haviam conhecido durante toda sua vida.

As diferenças econômicas, religiosas, profissionais e educacionais eram insignificantes... Talvez os melhores exemplos de grupos de vizinhos sejam aqueles em que a população de uma região se ache segregada por acidentes naturais como cadeias de montanhas, rios e mesmo mares, no caso de ilhas. Mas esses acidentes são dispensáveis na maioria dos casos. Como Galpin assinalou, a organização social do povoamento entronca-se sempre na associação de vizinhança".

De modo geral, estas características são aplicáveis ao "bairro" paulista, pelo menos em suas formas mais tradicionais. Contudo, parece-nos necessário fazer uma ressalva quanto à afirmação contida na última frase da transcrição acima, pelo menos quanto à sua generalização e aplicação ao caso brasileiro. De fato, no Brasil de modo geral, e em São Paulo em particular, nas áreas de domínio da grande exploração agrária - o engenho, a fazenda, ou, mais recentemente, a usina - estas, e não o "bairro", constituem as unidades elementares de povoamento, sendo que suas características fogem totalmente àquelas acima descritas para a "neighborhood" ou "vizinhança".

Antonio Cândido, em seu *Parceiros do Rio Bonito* (1964:44), em que analisa o bairro paulista tradicional, ou caipira, refere-se a ele como sendo

"a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de loquacidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas".

O autor citado chama ainda a atenção para a importância que assumem tais agrupamentos nas áreas de povoamento disperso, pois que

"as relações de vizinhança constituem, entre a famí

lia e o povoado, uma estrutura intermediária que de fine o universo imediato da vida caipira, e em função da qual se configuram suas relações sociais básicas" (1964:40).

Embora estas considerações digam respeito ao "bairro caipira", objeto do estudo de A.Cândido, parecem-nos válidas, pelo menos em suas grandes linhas, para os "bairros" em geral, independentemente de suas características culturais.

Conceito semelhante é expresso por M.Isaura P. de Queiroz (1968:5) quando afirma que

"os bairros rurais se organizam como grupos de vizinhanças, cujas relações interpessoais são cimentadas pela grande necessidade de ajuda mútua, solucionada por práticas formais e informais, tradicionais ou não; pela participação coletiva em atividades lúdico-religiosas que constituem a expressão mais visível da solidariedade grupal, pela forma específica de ajustamento ao meio ecológico, através do trabalho de roça, executado pela família conjugal como unidade econômica e utilizando técnicas rudimentares; pelo exercício do comércio de parte dos gêneros obtidos com a lavoura ou com a criação, etc..."

Apesar das características enunciadas pela autora se referirem, como no caso de A.Cândido, ao bairro "caipira" (necessidade de ajuda mútua, trabalho de roça, pouca comercialização dos produtos, etc.) está presente o denominador comum que define o bairro, *sensu lato*, como "grupo de vizinhança" e unidade mínima de povoamento.

Entre os geógrafos, encontramos algumas referências a bairros rurais em estudos de "habitat" rural. Ao estudar o habitat rural no vale do Paraíba, Nice Lecocq-Müller (1958:190), ao analisar as formas de dispersão diz:

"Trata-se do tipo de dispersão coagular ou em nebulosa que constitui o bairro".

Nilo Bernardes (1958:167-168) refere-se ao bairro afirmando que:

"o que habitualmente se apresenta como "bairro" é

ainda um tipo de habitat disperso, ainda que, por vezes, venha a mostrar tendências para uma aglutinação".

A associação do "bairro" a uma forma de habitat também transparece no trabalho de Cannabrava (1944:651) quando a autora diz que "os bairros constituem zonas de povoamento disperso".

No entanto, a grande variedade de aspectos que podem apresentar os bairros quanto à forma de distribuição das casas dentro do território compreendido pelos mesmos, demonstra a invalidade do critério para sua definição ou caracterização.

Em outros trabalhos, entretanto, encontramos conceituações, por parte dos geógrafos, não ligadas propriamente ao "habitat" rural e sim dando maior ênfase à presença de unidades territoriais, mais ou menos amplas, definidas em função da presença de determinados contactos sociais entre a população que neles habita.

Em seu *Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo*, Nice Lecocq Müller (1951:176) diz que

"para o homem do campo, 'bairro' designa todo e qualquer conjunto de casas suficientemente próximas para que se estabeleçam contactos sociais entre seus moradores".

Pasquale Petrone, em *A região de São Luís do Paraitinga* (1959:305), após descrever a dispersão do habitat, diz que

"é preciso não exagerar com o sentido da dispersão do 'habitat'. Não há dúvida que as habitações estão esparsas, mas há sempre, no seio delas, conjuntos mais ou menos grandes, cujos habitantes mantêm entre si uma série de relações, o que torna o isolamento menos acentuado. Tais conjuntos, com relativa frequência, encontram-se cristalizados nos bairros rurais. O bairro coincide, portanto, com o grupo de vizinhança".

A propósito dos bairros do vale do Ribeira, o mesmo autor (Petrone 1966:283) assim se expressa:

"O bairro parece um elemento importantíssimo, que a tenua e chega a anular o relativo isolamento que a dispersão do habitat faz supor"... "a par do aspecto material da dispersão será sempre interessante, e de maior proveito para a melhor compreensão do fenômeno estudado, atentar para o tipo de laços sociais que unem as diferentes unidades familiares, tentando perceber até que ponto a existência de certas relações se enquadram em determinadas condições físicas e, de um modo mais amplo, geográficos. O bairro frequentemente coincide com o grupo de vizinhança. É uma unidade geográfica, mas ao mesmo tempo uma unidade sociológica".

Várias referências sobre bairros rurais são encontradas, também, em documentos históricos. Chamamos a atenção, antes de mais nada, para o fato de que o "bairro" não representa subdivisão administrativa, como já lembrou C.B. Schmidt(1951:15), dizendo ser

"denominação dada sem qualquer relação com a subdivisão administrativa dos municípios que, por lei, estão, quando muito, divididos em áreas distritais ou distritos de paz".

No entanto, na condição de menor unidade, espacial e social, o bairro viu-se utilizado, em certos casos, como instrumento de referência espacial. A.Cândido (1964:45) chama a atenção para o fato, dizendo que

"o território das vilas, repartido em distritos, foi mais tarde, por sua vez, dividido em quarteirões, unidade que ora coincidia com o bairro, ora o incluía, mas de qualquer forma se baseava na sua existência. A autoridade que lhe correspondia era o inspetor (inspetor de quarteirões), que ainda subsiste, com funções sobretudo policiais, mas também de zelador de estradas e caminhos, para cujo conserto lhe competia e compete convocar os moradores".

O bairro pode, ainda, ter tido outras formas de utilização de caráter administrativo, como aparece neste outro exemplo, também transcrito da obra de A.Cândido (1964:65):

"Podia haver também a função remunerada do lançador de impostos, geralmente nomeado para o âmbito maior da freguesia, mas não raro com jurisdição restrita ao bairro. Em 1733, por exemplo, a Câmara de São Paulo passava provisão a Francisco Domingues Pais para servir de juiz da ventena do bairro de Nossa Senhora da Conceição de Guacuri e São Bernardo *Ordens Régias* RAM-LI, 1931, pag. 70).

Nos *Apontamentos* de Azevedo Marques (1879), além de cidade, vila e freguesia, são mencionadas outras formas de povoamento sem predicamento oficial, como aldeia, arraial, povoação, capela e bairro.

Os dois últimos, segundo parece, abrangiam normalmente os moradores esparsos, sendo, de acordo com a fonte citada, muitas vezes providos de algum serviço, como "capelinha ou Cadeira de Primeiras Letras".

No entanto, em certos casos, os bairros poderiam apresentar um pequeno núcleo, como aparece na transcrição abaixo, retirada da obra de Zaluar *Peregrinação pela Província de São Paulo* (1860-61) (1945:168-169):

"Será conveniente notar aqui, também, que a ação policial e a administração da justiça criminal reclamam a divisão do distrito da subdelegacia da cidade (Piracicaba), que atualmente compreende em sua maior extensão para cima de dezessete léguas, favorecendo nos pontos mais retirados a impunidade dos delitos cometidos nos bairros de Serra Negra e de Araraquara ... Esta necessidade ficaria satisfeita pela criação de distritos policiais nos campos de S. João da Serra Negra e S. Pedro de Araraquara, pequenos núcleos de povoações existentes nos referidos bairros..."

Por este documento, portanto, verifica-se uma distinção entre o bairro, compreendido como uma área mais ou menos extensa, com população esparsa e eventuais núcleos de povoamento, que poderiam existir no interior dos bairros.

É evidente que, neste como em outros casos, a presença de um núcleo viria facilitar o processo administrativo, não sendo raros os exemplos de bairros que foram aproveitados para cria

ção de freguesia, conforme consta nos *Apontamentos...* de Azevedo Marques.

Neste rápido apanhado que fizemos acerca do sentido dos bairros, ressalta sempre o caráter de unidade elementar, social e espacial, que representa o bairro rural no Estado de São Paulo, e que o define como um tipo de povoamento cuja análise nos parece interessante para a compreensão do processo global de ocupação e organização do espaço.

2. ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS BAIRROS RURAIS PAULISTAS

Unidade de agrupamento social básica, os bairros teriam surgido, nas áreas de povoamento mais antigo, à medida que se ia estabelecendo um habitat fixo e suficientemente denso para que se pudessem estabelecer contatos entre os vizinhos.

Carlos Borges Schmidt (1951:14), após chamar a atenção sobre a dispersão que caracterizou a população rural nos primórdios do povoamento, consequência da forma de exploração agrícola baseada na agricultura itinerante, diante da imensidão do espaço e da escassa população, assim se expressa em relação à formação das "vizinhanças":

"A população rural permaneceu, praticamente, dispersa. Tornando-se mais denso o povoamento, pelo crescimento do número de habitantes, as vizinhanças formaram-se em áreas mais restritas, e surgiram os bairros e os arraiais". Mais adiante: Não seria tarefa fácil reconstituir a completa evolução do povoamento inicial até a sua atual diferenciação em vizinhanças ou comunidades... O relativo isolamento geográfico pode ser considerado, ainda hoje, como o motivo fundamental da formação dos grupos de vizinhança".

Embora a base territorial possa variar muito entre os bairros, é possível que certos elementos do meio físico, como a presença de um vale, por exemplo, tenham orientado os contatos, definindo, assim, os limites da "vizinhança". Significativo é, por exemplo, o fato de que muitos bairros rurais possuam nomes ligados a ribeirões que atravessam seu território. No entanto, como já assinalamos anteriormente, a formação e delimitação

tação da vizinhança não está necessariamente presa a elementos do quadro natural. O essencial é o estabelecimento de contatos entre determinado número de vizinhos.

Na época de formação dos primeiros bairros, estas relações de vizinhança desempenhavam importante papel na vida do habitante rural, e estas se manifestavam tanto no plano econômico como no social e espiritual.

Numa época em que o trabalhador rural não dispunha senão de sua força braçal e a de sua família (está implícita, no caso, a exclusão da grande unidade de exploração baseada na utilização de mão-de-obra servil), o auxílio do "vizinho" revestia-se de importância fundamental. Daí o aparecimento do "mutirão", do troca-dias e de outras formas de auxílio mútuo, que muitas vezes foi lembrado como fator importante na definição dos grupos de vizinhanças.

A "vizinhança" ir-se-ia estreitando pelo estabelecimento de outras relações, como o compadrio ou o parentesco, a utilização da mesma venda ou da mesma escola ou então os esforços comuns para a construção de uma capela.

Definiam-se, organizavam-se e delimitavam-se assim os vários grupos de vizinhança, cada qual com sua área e seu nome próprio, precedido da designação genérica de "bairro".

Devemos ter presente, entretanto, que tais fatos não representavam situações rígidas, fixas, e sim essencialmente dinâmicas, consequência do próprio dinamismo do povoamento paulista, como bem ficou retratado no seguinte trecho de A.Cândido (1964:55 e 56):

"No início moradores segregados. Em seguida ereção da capela em patrimônio doado, que atraía loja e de pois algumas casas. Daí, passava a freguesia, já com o núcleo de população esboçado. O povoado subia a vila, chegando afinal a cidade. Nestes casos, a população rural ia-se ampliando na periferia, onde a pareciam novos bairros, que passavam a vila, e assim sucessivamente, sertão adentro ... De acordo com o aumento da densidade demográfica há, portanto, não só o aparecimento e desenvolvimento de bairros, mas um deslocamento de seus limites e perda de suas funções.

É uma estrutura lábil, capaz de flutuações e, por isso mesmo, ajustada às necessidades do povoamento disperso e da ocupação do território...”.

Historicamente ligados à área caipira, os bairros têm uma presença mais significativa nas áreas de povoamento antigo do Estado de São Paulo, aparecendo também ao sul de Minas, área de expansão da cultura paulista. Entretanto, ocorrem, embora em menor escala, também nas áreas do povoamento mais recente.

De acordo com Pasquale Petrone (cf. M. Isaura P. de Queiroz - *Bairros Rurais Paulistas* (1967:70) - a civilização caipira cobriu, no passado, as seguintes áreas: todo o litoral paulista; o vale do Paraíba; as serras da Mantiqueira, Quebra-Cangalha, Mar e Paranapiacaba; o planalto paulistano; a zona bragantina; a "depressão periférica"; a zona do antigo Caminho da Mata; o planalto de Franca.

O cartograma dos bairros rurais no Estado de São Paulo, na década de 1870 (Figura 1), demonstra nitidamente a significati

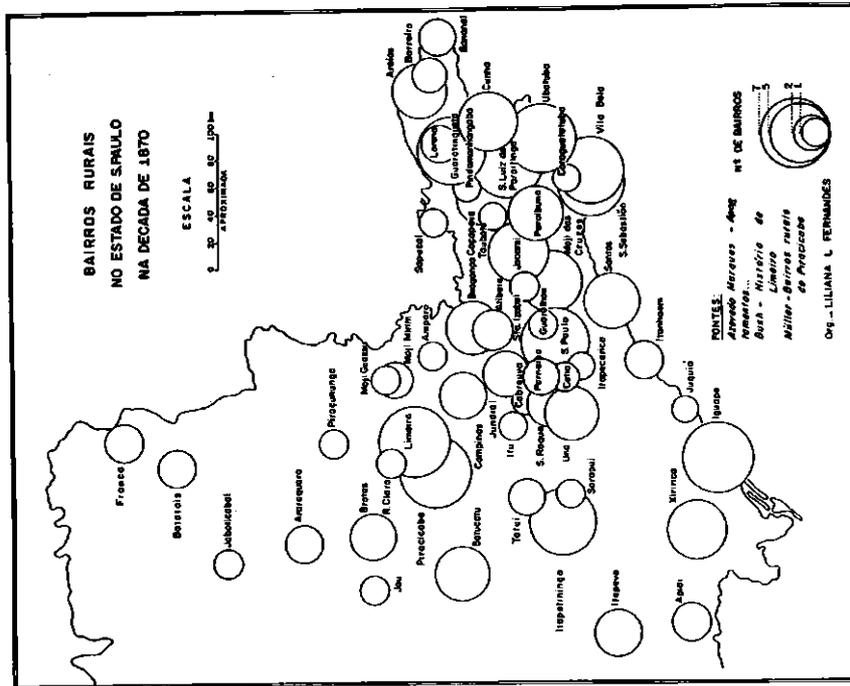


Figura 1

va presença de bairros na área, anteriormente citada, de expansão da "civilização caipira", tendo especial destaque todo o "norte" do Estado (S. Luís do Paraitinga, Guaratinguetá, Cunha, Paraibuna, Jacareí, Ubatuba, S. Sebastião, Taubaté, Areias, Bananal, etc.), o chamado "cinturão caipira" de São Paulo (Itapeerica, Una, Parnaíba, Cotia e o próprio município da capital) e a zona bragantina (Atibaia, Bragança, Amparo), formando extensa mancha contínua com presença expressiva de "bairros".

As características destes bairros "caipiras" foram muito bem analisadas por Carlos B. Schmidt, com exemplos colhidos no vale do Paraíba, e por Antonio Cândido, em seu *Parceiros do Rio Bonito*.

Sob o ponto de vista econômico, tais bairros caracterizam-se, principalmente, pela presença de produtos destinados ao consumo (feijão, arroz, milho, mandioca), embora não fosse excluída sua participação numa economia de mercado, seja pela venda dos excessos da produção, seja pela existência de pequeno setor destinado especificamente à comercialização.

De qualquer modo, o bairro "caipira" opunha-se, pela sua estrutura econômica e social, à grande unidade de exploração agrícola, com lavoura basicamente comercial e utilizando mão-de-obra servil (café no vale do Paraíba, cana-de-açúcar na Média Depressão).

Após as transformações ocorridas, principalmente, a partir da segunda metade do século passado, com a crescente expansão da lavoura cafeeira e a introdução de elementos novos, através da imigração européia, a crescente evolução demográfica, a revolução nos meios de circulação, a expansão dos centros urbanos, etc., houve, evidentemente, modificações no quadro acima apresentado.

No entanto, o processo de formação de bairros não se interrompeu: numerosos bairros surgiram, especialmente naquelas áreas, mais velhas, que conheceram o substrato "caipira", mas também nas mais novas.

De fato, a fixação, na zona rural, de numerosas contingentes provenientes da imigração européia, iniciada em meados do século passado e que se acentuou a partir de 1870, foi um fator decisivo na formação da pequena propriedade no Estado de

São Paulo, fenômeno este que iria tomar maior impulso com a crise cafeeira. Segundo Caio Prado Jr. (1945:264),

"São as crises sucessivas do café que trarão a São Paulo a maior contribuição para o processo de desintegração do grande domínio agrário e sua substituição pela pequena propriedade. O retalhamento das fazendas, e sua venda em lotes de custo acessível aos trabalhadores rurais, representará muitas vezes a única solução para as dificuldades financeiras dos seus proprietários..."

Além dos "núcleos coloniais" propriamente ditos, originários de colonização dirigida, oficial ou particular, agrupamentos espontâneos iam-se formando na zona rural, constituídos especialmente por contingentes provenientes das fazendas de café ou resultantes de seu retalhamento.

Estes agrupamentos iriam traduzir-se, no espaço, pelo aparecimento de novos bairros, denominação genérica consagrada para a designação destas unidades sociais e espaciais elementares.

Numerosos são, no Estado de São Paulo, os bairros originários de contingentes germânicos, italianos e outros, que vieram, evidentemente, contribuir para a diversificação étnica e cultural no meio rural paulista.

Por outro lado, as transformações profundas ocorridas na organização econômica viriam trazer diversificações marcantes entre as várias zonas, refletindo-se evidentemente na vida econômica destes agrupamentos.

Deste modo, se, num determinado momento, o bairro expressava a cultura "caipira", havendo, entre todos, marcante homogeneidade quanto às características étnicas, sociais e econômicas, novas situações trouxeram elementos de profundas diferenças entre eles.

Se alguns bairros, marginalizados pelo novo processo de organização do espaço, conservam traços de rusticidade, vivendo ainda numa economia relativamente fechada, outros, ao contrário, apresentam estrutura social e econômica tal, que se enquadram, perfeitamente integrados, dentro dos novos padrões de

organização do espaço.

3. BAIRROS RURAIS E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

O elevado número de bairros rurais encontrados atualmente no Estado de São Paulo, aliado a uma diferenciação marcante quanto aos processos de origem, à dinâmica de sua evolução, às suas características étnico-culturais, à sua estrutura social e econômica, torna seu estudo, segundo nos parece, de real interesse para a análise do processo de ocupação e de organização do espaço.

Sobre a validade e o interesse deste processo chamou a atenção Nice Lecocq Müller, quando, na conclusão de seu trabalho *Bairros Rurais no Município de Piracicaba* (1966:130), assim se expressa:

"Cada bairro é uma célula organizada, que corresponde a um substrato territorial, mais ou menos conforme às possibilidades oferecidas pelo seu núcleo ou à gênese que os explica. As várias células, ou os vários bairros, se integram num conjunto hierarquizado que mantém relações com outras formas de organização do espaço agrário (fazendas, usinas) e com os núcleos urbanos. De qualquer forma, pela variedade de fatores de origem, pelas diversas formas de estrutura econômica e social, são altamente aconselháveis estudos de detalhe, em várias regiões, antes de se tentar generalizações ou se chegar a uma sistemática".

Preocupação semelhante apresentamos em nosso estudo *Bairro Rural dos Pires* (1971:83), ao afirmarmos:

"Por outro lado, sendo o bairro um grupo social que tem o espaço como elemento constitucional (Smith, 1946:348), a análise do primeiro (grupo) não pode ser dissociada do segundo (espaço), pois ambos estão intimamente relacionados, com interligações complexas, cujo desconhecimento levaria a uma compreensão incompleta dos problemas ligados a todo o processo de organização do espaço agrário e da estrutura sócio-econômica do nosso meio rural...".

A preocupação que norteou nosso trabalho *Bairros Rurais do Município de Limeira* foi a de trazer uma contribuição neste sentido, ou seja, em que todos os aspectos ligados à organização do espaço fossem analisados a partir de suas células elementares, representadas pelos bairros, sempre tendo em vista a participação dos mesmos na organização do espaço a partir das relações existentes entre a cidade e o campo.

Como, evidentemente, essas relações se estreitam à medida que o bairro deixa de ser uma unidade econômica, social e cultural mais ou menos fechada, é interessante verificar a partir de que momento e em que condições este fenômeno se verifica.

A consideração destes fatos assume grande importância diante das transformações gerais que ocorrem nos sistemas de organização do espaço, em que as inter-relações cidade-campo se tornam cada vez mais estreitas, interferindo na estrutura dos bairros, modificando os tipos de relações entre seus habitantes, afrouxando seus laços de união, implicando, inclusive, seu desaparecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz Nacib e BERNARDO, Nilo (1958) - *Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo*, Rio de Janeiro - Guia de Excursão nº 4 - XVIII Congresso Internacional de Geografia - C.N.G.
- CANNABRAVA, Alice Piffer (1944) - *Primeiras notas para um estudo do acerca dos bairros no Estado de São Paulo*, in A.G.B., ed. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Rio de Janeiro, vol. III, p.
- FERNANDES, Liliansa Laganã (1971) - *O Bairro dos Pires (Estudo de Geografia Agrária)* in IG-USP, São Paulo, Série Teses e Monografias nº 5.
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo (1952) - *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo, seguidos da cronologia dos acontecimentos mais notáveis desde a fundação de S. Vicente até o ano de 1876*, S. Paulo, 2. ed. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - 2ª Volume.

- MELLO e Souza, Antonio Cândido (1964) - *Os parceiros do Rio Bonito (Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida)*. Rio de Janeiro, Coleção Documentos Brasileiros.
- MÜLLER, Nice Lecocq (1951) - *Sítios e sitiantes do Est. de S. Paulo*, São Paulo, F.F.C.L.-USP, Boletim 123 - Geografia nº 7.
- (1958) - *Apontamentos sobre o "habitat" rural no vale do Paraíba (Estado de S. Paulo)*. In: A.G.B., ed. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, S. Paulo, vol. X, tomo I, p.
- (1966) - *Bairros Rurais no Município de Piracicaba* in: A.G.B. ed. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 43.
- PETRONE, Pasquale (1959) - *A região de São Luiz do Paraitinga - Estudo de Geografia Humana*, in: I.B.G.E. - C.N.G. - ed. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, ano XXI, nº 3.
- (1966) - *A baixada do Ribeira - Estudo de Geografia Humana*. S. Paulo, USP, Boletim nº 283 - Cadeira de Geografia nº 14.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (1967) - *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo, Separata da Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. XVII.
- SANDERSON, Dwight e POLSON, Roberto A. (1939) - *Rural Community Organization*. New York, John Wiley & Sons, Inc.
- SCHMIDT, Carlos Borges (1944) - *Paisagens Rurais* - S. Paulo, Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola.
- SMITH, T. Lynn (1946) - *Sociologia da Vida Rural* - Rio de Janeiro, Livraria ed. Casa do Estudante.
- ZALUAR, Augusto Emílio (1953) - *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)* - S. Paulo, Martins.

RESUMO

Os bairros rurais, células elementares de organização social e espacial, têm sido objeto de preocupação e estudo por parte de sociólogos e geógrafos. No presente artigo, são apresentados alguns problemas relativos aos bairros, principalmente no que diz respeito ao sentido dos mesmos, sob o ponto de vista sociológico, geográfico e histórico, mas também quanto à sua gênese e evolução e, por fim, quanto ao papel que eles podem representar na análise da organização do espaço agrário.

SUMMARY

Agrarian districts, elementar cells of the social and spatial organization, have been object of preoccupation and study on the part of sociologists and geographers. In this article, some of the problems connected to districts are considered, not only those concerning their sense under the historic, geographic and sociologic point of view, but also their genesis and evolution, and, finally, the role they play in the analysis of the agrarian space organization.

RÉSUMÉ

Les quartiers ruraux, cellules élémentaires de l'organisation sociale et spatiale, ont été l'objet de préoccupation et d'étude soit de sociologues soit de géographes. Dans le présent article, quelques problèmes sont présentés intéressants les quartiers ruraux, surtout à propos du significat des mêmes, sur le point-de-vue sociologique, géographique et historique, mais aussi à propos de sa genèse et évolution et, enfin, à propos du rôle qu'ils peuvent avoir dans l'analyse de l'organisation de l'espace agraire.